

SER E ESTAR DA MULHER INDÍGENA SURDA

*Being a deaf indigenous woman***Shirley Vilhalva¹****RESUMO**

Esse artigo tem como objetivo apresentar a escrita que nasce do cotidiano de uma mulher indígena surda, professora, pesquisadora e participante dos Movimentos Surdos Brasileiros, focalizando a potencialidade do Ser e Estar da mulher indígena surda na sociedade brasileira, bem como os direitos linguísticos e seu espaço cultural enquanto escritora e poetisa, seja em língua de sinais, línguas indígenas de sinais, ou em português. São analisados os direitos para formação cultural da identidade de famílias bilíngues de indígenas e não indígenas surdos. A metodologia deste artigo é “Escrevivência” que, segundo Evaristo (2007), é uma produção narrativa que valoriza as experiências pessoais. Como resultado, destaca-se que, apesar das legislações e demais conquistas alcançadas depois dos anos 1980, há a necessidade de novas propostas, principalmente quanto aos diversos direitos linguísticos das comunidades surdas e especificidades em relação aos direitos humanos, assim como novas pesquisas voltadas ao campo de estudos sobre as mulheres indígenas surdas do Brasil, suas línguas de sinais (LIS) e suas culturas étnicas.

Palavras-chave: Mulher indígena surda; Narrativas; Línguas indígenas de sinais.

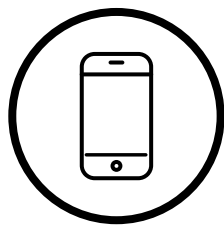
¹ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul-UFMS, Mato Grosso do Sul, MS, Brasil; shirley.vilhalva@ufms.br

Meus agradecimentos a prof^a Wilma Favorito pela revisão desse texto e por sua incansável parceria por mais de 30 anos nessa jornada de vida e educação de surdos. Esse artigo está grandemente fluído devido a seu exímio conhecimento do ser mulher surda.

ABSTRACT

This article aims to present the writing that comes from the daily life of a deaf indigenous woman, teacher, researcher, and participant in the Brazilian Deaf Movements. It focuses on the potential of the deaf indigenous women in the Brazilian society, as well as the linguistic rights and their cultural space as a writer and poet, whether in sign language, indigenous languages, or in Portuguese. The rights for the cultural formation of the identity of bilingual families of indigenous and non-indigenous deaf people are analyzed. The research method is the “escrevivência” which, according to Evaristo (2007), is a narrative production that values personal experiences. The results highlighted that, despite the legislation and other achievements achieved after the 1980s, there is a need for new proposals, mainly regarding the various linguistic rights of deaf communities and specificities in relation to human rights, as well as new research aimed at field of studies on deaf indigenous women in Brazil, their sign languages, and their ethnic cultures.

Keywords: Deaf indigenous woman; Narratives; Indigenous sign languages.



**LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O
QR CODE AO LADO OU O LINK**
<https://youtu.be/EQx622iqi0M>



Introdução

“Hoje, a gente está vendo uma luta afirmativa também das comunidades indígenas, com lideranças jovens indígenas. Não se pode perder a noção da importância do coletivo. As pessoas têm todo o direito de buscar a promoção pessoal. Quem não quer? Todo mundo quer. Mas é preciso encontrar formas dessa promoção ser benéfica ao coletivo.” (Evaristo, 2020)²

O começo sempre é o mais questionável, se algo é possível de se escrever ou ser escrito por uma mulher surda. “Escrevivência”, vida de escrever e escrever em vida até rima conforme uma poesia. Como diz Evaristo (2007), o fazer da escrevivência, dar vida às letras em todos os momentos que você for sua teoria, vai se apresentando, vai mostrando a sua importância do tema, e aqui nesse artigo, explicando a relevância da escrevivência da mulher indígena surda e sua luta pelos direitos linguísticos e culturais sejam eles indígenas ou não. Nas palavras da autora:

Se eu for pensar bem a genealogia do termo, vou para 1994, quando estava ainda fazendo a minha pesquisa de mestrado na PUC. Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência³.

² Trecho de entrevista concedida pela escritora Conceição Evaristo ao site do Itaú Cultural. Disponível em <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/> (Acesso em 23/05/2024)

³ Idem.



O objetivo deste artigo é narrar escrevendo uma situação específica de mulheres indígenas surdas plurais e que vivem em diversas comunidades e territórios originários, o que ainda está em falta nos apontamentos e pesquisas. Assim, experienciamos a situação atual das comunidades surdas urbanas no Brasil em um viés fortalecido pelas ancestrais que muitas vezes não tiveram presença marcante. Ali elas estavam invisíveis, sem contar com uma reflexão crítica sobre as questões envolvidas em relação às vidas surdas que dependem de vários fatores. Sou uma mulher indígena surda, ressalto a minha atuação como professora, pesquisadora, escritora e poetisa, mesmo que meus familiares não abracem a causa por estarem em contexto urbanos. Creio que ser surda me impediu de apagar minhas verdades enraizadas, de estar e reconhecer as culturas dos territórios originários nas caminhadas que fiz com minha avó em um longínquo passado.

Destaco que as conquistas e desafios pessoais e profissionais são de uma geração de mulheres surdas que hoje ainda estão em ação para reconhecimento das jovens da nova geração. Quando olho para trás e tento pensar duas ou mais vezes para escrever o que realmente presenciei, a escrevivência me permite narrar as vidas que presenciei quando cheguei em determinado espaço onde estava presente uma mulher indígena surda. Minha andança era a busca por direitos linguísticos, espaço cultural e identidade.

Eu buscava intensamente, mas em algum lugar encontrei o silêncio e a inexistência da mulher surda porque essa foi dada de presente para alguém da cidade criar e depois fazer de sua empregada doméstica a troca de sua sobrevivência. A caminhada como profissional e ativista ainda me levou onde eu menos esperava encontrar uma jovem surda “brincando” na lama dentro de um chiqueiro (sem comentários do porquê de ela estar ali), mas chegando mais de perto encontrei a resposta: há, ali, uma mulher surda, há vida, e sem uma língua estabelecida para uma comunicação merecida.

Nesse papel de escritora surda, uma escolha que precisei fazer foi a de realizar uma busca e revisão breve da história dos movimentos das mulheres indígenas brasileiras, destacando as legislações e conquistas obtidas de 1973 a 2023. No entanto, nada encontrei. Como já mencionado em minha dissertação (Vilhalva, 2009), o Brasil possui também outras línguas de sinais que são raramente registradas; sendo tais línguas, como as línguas de sinais indígenas, praticadas pelos indígenas surdos existentes em diversas comunidades indígenas do país, onde cada uma delas traz consigo características culturais e linguísticas variadas, o que faz com que haja o interesse em registrá-las, assim como são registradas outras línguas brasileiras de diferentes comunidades, com suas especificidades culturais, étnicas, regionais, etc. Nesse momento, ressaltaram-se os avanços para as mulheres surdas, alcances tímidos, mas já alcançados e a importância de continuar lutando pelos direitos linguísticos e culturais de mulheres indígenas surdas e surdocegas.

Agora, entretanto, ainda estou em buscas, ainda há o desejo de escrever coisas da boniteza da vida como marcou Paulo Freire. Cada caminhada parecia estar mais longe de minha busca, as palavras bonitas foram morrendo e pensei até em desistir. O que escrever se o que eu vi não era o que eu esperava? Mesmo assim, a minha teimosia falou mais alto quando precisei entrar debaixo da cama para conversar com uma menina-moça-mulher indígena que estava lá. Lembrei-me que eu corria para dentro do guarda-roupa quando chegava alguém e, com essa lembrança, eu me deitei no chão e devagarinho

estávamos lado a lado debaixo daquela cama, olho no olho. Houve um imenso silêncio ao conversarmos através da língua universal que é a língua do pensamento em que ora nossos olhares se encontravam, ora eles desviavam. Não sei quanto tempo se passou e, aos poucos, saímos para o quintal apenas sabendo que era preciso mais tempo para que essa grande menina-moça- mulher fosse para os bancos escolares. Como apresentar apenas um perfil da mulher indígena surda? Ela também é plural! A mulher indígena surda também tem sua excelência frente à pluralidade, assim como as mulheres surdas urbanas. Quando adentro cada vez mais nesse texto, começo a entender que isso é essencial para transmitir a rica diversidade de experiências, identidades e trajetórias dentro de uma comunidade indígena onde há mulheres surdas e surdocegas.

É preciso que haja permissão aos direitos linguísticos e ao espaço cultural e de saberes indígenas, além de estarem presentes, em escala maior, as questões relacionadas aos direitos linguísticos das comunidades surdas dentro dos territórios em diferentes aspectos da diversidade e especificidades culturais, tanto na visão dos saberes indígenas, quanto surdos. Destacar a importância de preservar e valorizar as línguas indígenas de sinais das comunidades indígenas surdas, incluindo a língua brasileira de sinais, o português e as línguas étnicas escritas é urgente. E, para que possamos colocar isso em prática, será necessário que haja espaço para apropriação da escrevivência pelas próprias mulheres surdas indígenas em contexto de território indígena ou urbano.

A metodologia dessa pesquisa é “Escrevivência”, termo cunhado pela escritora brasileira Conceição Evaristo (2007), que se relaciona a narrativas de vida que, embora possam ser particulares a um indivíduo ou personagem, remetem a experiências coletivas compartilhadas. Como método de investigação, de produção de conhecimento, “a escrevivência, em meio a diversos recursos metodológicos de escrita, utiliza-se da experiência do autor para viabilizar narrativas que dizem respeito à experiência coletiva de mulheres”. (Soares e Machado, p.206, 2017)

Assim, na introdução desse artigo iniciou-se com uma narrativa da história e vivência da própria pesquisadora e das mulheres surdas e indígenas. Na seção seguinte apresentam-se 13 (treze) apontamentos com a teoria e a crítica reflexiva de vidas surdas e as caminhadas de lutas acerca das línguas de sinais, suas culturas e recursos tecnológicos utilizados. E na conclusão, apresenta-se uma proposta de soluções para problemas específicos relatados ou vivenciados, muitas vezes incluindo a formulação de diretrizes, estratégias ou recomendações.

1 Resultados e discussão

Compartilham-se, aqui, escritas sobre mulheres surdas, particularmente sobre as mulheres indígenas surdas. Na oportunidade de diálogo com a pesquisadora surda Renata Cristina dos Reis, conheci a Poesia de Carolina Hessel (Poetisa Surda), escrita em 2004:

Acordem, belas mulheres

Hoje não é mesmo dia como todos os dias...

Acordem, belas mulheres, está na hora



de mudar na vida das mulheres....

Lutem para apoiar outras belas mulheres!

Iniciamos a leitura desse poema e levantamos a discussão dentro da pedagogia surda. Em nosso olhar, essa pedagogia enfatiza uma emancipação filosófica do ser surdo, ou seja, um vivenciar, uma aprendizagem que a comunidade surda oferta a cada Ser Surdo com sua visão de ser e estar por meio dos elementos comunicacionais de sua cultura linguística usando sua visuolinguagem, característica das línguas de sinais. Assim, o estar em espaços surdos abrangentes constitui um novo olhar entre as mulheres surdas permitindo-lhes que construam novos caminhos para novas mulheres surdas, sejam elas indígenas ou não.

Na poesia de Hessel (2004), *“Acordem, belas mulheres”*, citada acima, a autora dá seu grito surdo sem destacar a palavra “surda”, já que está em sua vivência entre mulheres surdas. O grito parece significar que mulheres surdas sempre sigam a liderança surda e que deveriam agir de maneira mais rápida. Isso faz parte da constituição das novas lideranças, lembrando que quando uma líder percebe a outra líder nascendo para a liderança das ações compartilhadas, já é passada a liderança ampliada como se fosse uma corrente evolutiva. A autora usou, então, a poesia para mostrar que as mulheres podem se direcionar para atitudes novas, buscar e sobreviver a novas experiências, como a de ser Mulher Surda Líder.

Na segunda linha a poetisa coloca que *“Hoje não é mesmo dia como todos os dias”*. Olhando pelos vieses da poesia, o que analisamos é que a autora sugere que as mulheres surdas devem mudar, fazer novas escolhas, estudar, com a postura de resistência indicando, ainda, que as novas mulheres surdas devem se levantar e seguir para um mundo novo e inexplorado. Acordem mulheres, sigam... vão pegando as coisas novas, sigam em frente. Para Hessel, a sua poesia tem o objetivo de fazer outras mulheres a serem elas e se tornarem lindas e empoderadas. Assim, a autora Hessel reforça essa ideia em *“Acordem, belas mulheres, está na hora de mudar (n)a vida das mulheres....”*. Neste ponto, destacamos que a autora quer mostrar que cada nova mulher surda pode mudar a sua vida e também mostrar novas vidas às outras mulheres, sejam elas surdas ou ouvintes. Por fim, seu grito surdo propositivo de transformações de vidas surdas conclui sua poesia: *lutem para apoiar outras belas mulheres!*

Perlin e Strobel (2009) nos levam a refletir o quanto que, para avançar, precisamos atentar no que se refere a momentos de avançar. Citamos as autoras para dialogarmos também com elas, mulheres surdas e autoras, que afirmam que é

momento de sermos educadores situados em nosso tempo, mudar o mundo para melhor. É preciso autenticidade. É preciso nos manter à altura do nível cultural que conquistamos (Perlin; Strobel, p 42, 2009).

As autoras mostram, portanto, para nós, que, na área da Educação, muitas vezes se faz o viver nas teorias e, nesse ponto de vista, o interessante é olhar e lembrar que devemos nos posicionar e fazer valer o nosso “estar junto” na formação da liderança. As autoras asseguram que “é preciso nos manter à altura do nível cultural que conquistamos”,



ou seja, a mulher surda deve ser ela mesma, sendo natural e ter espaço de poder como mulher, profissional e surda, liderando novas mulheres através da Educação dentro da Cultura e Arte Surda. De maneira natural e humana surda. Ser liderança em ação, ser influenciadora, algo que não precisa ter muita teoria. Sendo assim, nós, surdas, podemos contribuir também com as outras mulheres como as mulheres surdas ciganas que vivem em um momento de invisibilidade.

As primeiras mulheres surdas referências de liderança foram constituídas juntamente com Perlin desde 2004. Foi preciso uma pausa para entendermos o que ocorria naquele momento, antes de 2003. O grupo de mulheres surdas teve que desconstruir a influência que as mulheres ouvintes exerciam na época, já que eram, em sua maioria, mulheres ouvintes que estavam à frente. É de se destacar um evento ocorrido em Belo Horizonte - Minas Gerais, em 2003, o Encontro Latino-Americano de Surdos no qual surgiram novos direcionamentos, praticamente uma nova teoria, que legitimava vida própria para mulheres surdas de diferentes áreas. É principalmente por meio da língua de sinais e não sem ela que se conquista esse novo lugar. É a língua de sinais que vai ofertar o conhecimento. Nesse artigo, mostro a mulher surda que pode ser e agir naturalmente expandindo sua cultura.

Com essa discussão, o nosso próximo passo é colocar em prática o que tiramos da reflexão acima e apresentarmos os treze apontamentos importantes que fazem parte de vivências e escrevivências para que sejam oferecidas oportunidades às mulheres indígenas surdas através de formação de liderança e outras atividades que destaquem a atuação dessas mulheres.

Diversidade de identidades e experiências oculares dentro da visuolinguagem

É necessário começar introduzindo a noção de que as mulheres indígenas surdas não podem ser reduzidas a um único perfil. Cada mulher traz consigo uma história única, influenciada por sua etnia, experiências de vida, línguas indígenas de sinais e demais línguas de sinais fora de seus contextos culturais e de identidades, sejam eles urbanos ou de território, entre outros fatores. Um trabalho a se propor deve destacar como essa diversidade enriquece a compreensão das complexidades das identidades dessas mulheres. As mulheres surdas devem ser ouvidas, porque elas têm muito a sinalizar principalmente em relação às suas necessidades.

Narrativas pessoais no olhar que vão além dos sinais

Para escrever e sinalizar sobre vidas surdas, relatos e memórias, é necessário que se incluam relatos em línguas de sinais pessoais de diferentes mulheres indígenas surdas. Essas narrativas podem abordar suas origens, desafios enfrentados, sucessos conquistados e aspirações nas quais se oportuniza o registro em vídeos em formato de se ver a língua e as narrativas de suas próprias vivências. Ao compartilhar suas histórias individuais em suas primeiras línguas, cada mulher estará destacando a riqueza e a pluralidade das experiências vivenciadas e compartilhará com as demais mulheres surdas seu modus



vivendi.

Desafios e oportunidades para mulheres indígenas surdas

Os desafios específicos enfrentados por diferentes mulheres indígenas surdas precisam considerar a diversidade de contextos em que vivem. Atividades como roda de conversa poderão aprimorar os registros efetivos para destaque e constituição de textos em uma perspectiva de escrevivência. Será de suma importância que as oportunidades que chegam a elas sejam para promover suas culturas, línguas de sinais e reivindicar seus direitos dentro e fora do território.

Luta por reconhecimento e visibilidade

Será necessário uma análise de como as mulheres indígenas surdas têm buscado maior reconhecimento e visibilidade em meio a sistemas que muitas vezes marginalizam múltiplas identidades. Os registros dessa temática estão se iniciando através das pesquisadoras surdas indígenas e não indígenas. O que se espera são as iniciativas das mulheres indígenas surdas e sua formação de liderança para que se conscientizem de suas realidades e para que promovam a sua proposta e a garantia de direitos. A realidade atual mostra que as mulheres indígenas têm como sua primeira língua a língua de sinais - LIS e as escritas em línguas de sinais indígenas. Ou seja, os desafios enfrentados pelas mulheres surdas são ainda mais acentuados quando se trata de lidar com as línguas indígenas escritas. Nesses contextos, as alternativas disponíveis para superar tais obstáculos também se apresentam de forma mais complexa.

Para que isso aconteça, será necessário o trabalho de empoderamento coletivo, especialmente o empoderamento das mulheres indígenas surdas. Ao se unirem, elas podem compartilhar experiências e praticar o apoio mútuo como estratégias para superar desafios. É importante criar grupos de mulheres indígenas surdas, organizações ou movimentos que busquem fortalecer essa união dentro das associações e federações já existentes.

Por isso, convido as leitoras e os leitores a refletirem sobre a complexidade da pluralidade nas identidades das mulheres indígenas surdas, considerando a importância de respeitar e valorizar as diversas experiências e histórias que contribuem para a riqueza cultural e humana de nossa sociedade.

Formação cultural da identidade de famílias bilíngues

Para os profissionais que atuam juntamente com as famílias, será importante explorar a relevância da formação cultural da identidade de famílias indígenas que têm seus familiares surdos.

É ótimo que se faça um levantamento para o estudo, e é compreensível que, ao encontrar mulheres indígenas surdas, não haja muitos registros escritos ou pesquisas específicas sobre elas, algo que pode ser desafiador, especialmente dentro de territórios



originários. Ao escrever esse artigo realizamos buscas sobre “MULHERES INDÍGENAS SURDAS” e os resultados foram quantitativamente zero (nada encontrado nas três plataformas consultadas: BDTD, Scielo e Google Acadêmico).

No entanto, isso não significa que elas não existam ou que suas experiências não sejam relevantes. É possível abordar essa questão de pesquisa e explorar como as mulheres indígenas surdas urbanas fora do território podem ser incluídas e valorizadas em pesquisas futuras.

Ampliação da pesquisa com as famílias e parentes indígenas das diversas etnias

Ao se deparar com a falta de registros sobre mulheres indígenas surdas no território originário, é necessário expandir a pesquisa para incluir mulheres indígenas surdas em contextos indígenas e fora do território. A pesquisa deve ser elaborada de modo que se concentre em fontes variadas, como entrevistas, relatos pessoais dentro dos territórios, estudos etnográficos e dados demográficos que possam fornecer informações sobre a existência e as experiências dessas mulheres dentro e fora de seu contexto.

Entrevistas e depoimentos com mulheres indígenas surdas e surdocegas

É preciso considerar realizar entrevistas com mulheres indígenas surdas e surdocegas urbanas para obter informações em primeira mão sobre suas vivências, desafios e conquistas. Suas vozes e perspectivas podem enriquecer significativamente o estudo e trazer à tona questões relevantes para a comunidade indígena surda.

Pesquisas históricas e antropológicas

A história das comunidades indígenas surdas, bem como a forma como elas se adaptaram e se deslocaram para contextos urbanos precisa ser investigada. As pesquisas históricas que investigam a história das comunidades indígenas surdas podem mostrar como elas se adaptaram e se deslocaram para contextos urbanos. As pesquisas antropológicas podem revelar como essas mulheres enfrentaram mudanças culturais, linguísticas e sociais ao viverem fora do território originário. Ao mergulhar na história dessas comunidades, é possível compreender os desafios que as mulheres indígenas surdas enfrentam ao migrarem para áreas urbanas e como essas mudanças impactaram suas identidades e interações sociais.

Essas pesquisas também podem fornecer informações sobre como ocorre a preservação da cultura e das línguas de sinais, ou como houve adaptações ou influências da vida urbana. Também pode ser feita a análise de relatos históricos e documentos de época, bem como o estudo de tradições culturais que foram mantidas ou perdidas ao longo do tempo. Isso pode contribuir para uma compreensão mais profunda das experiências das mulheres indígenas surdas em ambientes urbanos.



Além disso, as pesquisas antropológicas têm a capacidade de explorar as redes sociais e os laços comunitários formados por essas mulheres, tanto com outros surdos quanto com membros de suas etnias. Essas conexões podem ter desempenhado um papel crucial em suas vidas, permitindo o compartilhamento de conhecimentos, experiências e a manutenção de suas identidades culturais em meio a ambientes urbanos muitas vezes dominados por culturas hegemônicas.

Através dessas pesquisas históricas e antropológicas, é possível trazer à tona narrativas pouco conhecidas e valorizar as trajetórias das mulheres indígenas surdas que, embora tenham se afastado de seus territórios de origem, continuam a desempenhar um papel fundamental na preservação de suas culturas e línguas de sinais.

Ao incorporar essas perspectivas, enriquecer-se-á a análise e contribuir-se-á para um olhar mais completo sobre a experiência das mulheres indígenas surdas em diferentes contextos socioculturais. Isso também pode abrir novos caminhos para futuras pesquisas e discussões sobre a importância da inclusão e reconhecimento das comunidades indígenas surdas no âmbito urbano e além dos territórios originários.

É verdade que a comunicação e expressão de mulheres indígenas surdas muitas vezes ocorrem por meio das línguas de sinais, e essa forma de expressão é tão valiosa e importante quanto a escrita.

Reconhecimento da língua de sinais como forma de expressão e direito linguístico

É preciso destacar a importância das línguas de sinais como meio de comunicação e expressão cultural para as mulheres indígenas surdas. É necessário explicitar que, assim como a linguagem escrita, as línguas de sinais são complexas, ricas em significados e transmitem uma parte significativa da cultura e identidade das comunidades surdas.

Importância da história oral que está presente nas línguas de sinais

Ressalta-se a tradição da história oral nas comunidades indígenas e como ela tem sido uma forma essencial de transmitir conhecimentos, cultura e experiências de geração em geração. Muitas vezes, mulheres indígenas surdas compartilham suas vivências por meio de histórias orais em língua indígena de sinais, enriquecendo assim a identidade cultural e a memória coletiva.

Valorização da cultura indígena surda

Deve-se enfatizar a importância da valorização da cultura indígena surda em suas múltiplas formas de expressão, incluindo a língua de sinais. Ao fazer isso, o pesquisador estará reconhecendo a riqueza dessa cultura e combatendo a invisibilidade que pode ser imposta às comunidades surdas, incluindo as mulheres indígenas surdas.

Entrevistas e relatos em línguas de sinais: LIS e Libras

Sempre que possível, o pesquisador da área deve incorporar entrevistas ou relatos em língua de sinais no seu artigo. Isso pode ser feito por meio de vídeos ou transcrições das conversas em língua de sinais, permitindo que a voz e a experiência dessas mulheres sejam ouvidas diretamente.

Conscientização e sensibilização

Destaca-se o trabalho de conscientização e sensibilização sobre as realidades das mulheres indígenas surdas e suas formas de comunicação. Isso pode ajudar a combater estereótipos e preconceitos, permitindo uma maior compreensão e apreciação de suas experiências e culturas. Reis (2022) destaca a importância do comportamento de alteridade, de ponto de vista de uma conscientização do processo para diminuição de preconceito:

Outro termo importante que envolve o preconceito é a alteridade, qualquer construção da interação entre eu e o outro “eu” envolve o preconceito. Por exemplo, um surdo urbano encontra outro surdo indígena, na sala de aula, ele o julga por sinalizar diferente, por ter outra língua, então o preconceito existiu ali, com o tempo, ele foi conhecendo, alterando o seu ponto de vista, sabendo o que é ou não é da cidade. O processo de alteridade é compreendido e o preconceito diminui. (Reis, 2022, p. 39)

Conclusão

Ao seguir as práticas propositivas destacadas aqui, líderes e profissionais estarão no caminho para efetivar um trabalho conjunto. É crucial lembrar que as experiências pessoais e perspectivas das mulheres indígenas surdas são ativos valiosos na pesquisa. Suas vozes, sinalizadas em línguas de sinais, sejam línguas indígenas de sinais ou Língua Brasileira de Sinais, enriquecem o estudo, proporcionando novos insights e abordagens. Além disso, ao enfatizar a inclusão, acessibilidade linguística e a valorização da arte indígena surda, esse artigo contribui para uma sociedade mais acessível e respeitosa acerca da diversidade cultural e linguística das comunidades indígenas.

Esperamos que esse artigo propositivo inspire e capacite novas líderes mulheres indígenas surdas. Acreditamos que a implementação das 13 propostas apresentadas aqui beneficiará tanto os gestores quanto as mulheres indígenas surdas, representando um passo significativo em direção a um movimento tão aguardado por gerações futuras.

Para enfatizar a importância da arte indígena surda na vida das mulheres indígenas surdas, especialmente a diversidade de formas artísticas dentro dos territórios, é essencial abraçar a recomendação anterior, acrescentando um enfoque específico na arte relacionada à natureza e à tradição indígena.

Aqui estão mais sugestões para as profissionais que desejam atuar na oferta de cursos e formação com as mulheres indígenas líderes e que podem implementar novos conhecimentos e práticas:

- Valorizar a expressão artística individual e coletiva, bem como as artes e danças



tradicionais, como formas de expressão cultural e identidade. Participar ativamente da produção artística permite que as mulheres indígenas surdas transmitam suas vivências, emoções e perspectivas únicas, fortalecendo sua emancipação individual e coletiva.

- Fortalecer a autoestima e identidade, reconhecendo que a arte indígena surda contribui para o fortalecimento desses aspectos. Através da criação artística, essas mulheres podem se ver como protagonistas de suas próprias histórias e culturas, reafirmando suas origens e contribuindo para uma maior valorização da comunidade indígena surda.
- A arte indígena surda possibilita a representação das experiências das mulheres indígenas surdas, empoderando-as ao verem suas próprias vivências refletidas em obras de arte e encorajando-as a ocupar espaços de protagonismo em várias esferas da sociedade.
- A construção de conexões culturais e a preservação de tradições culturais são promovidas pela arte indígena surda. Através da expressão artística, essas mulheres podem compartilhar tradições, línguas de sinais e histórias, fortalecendo laços culturais e promovendo a diversidade cultural produzindo vídeos e livros físicos e digitais.
- A arte indígena surda desempenha um papel crucial no resgate e na preservação de tradições culturais e linguísticas, registrando elementos da cultura indígena surda, incluindo danças e rituais, para a continuidade e valorização de suas raízes ancestrais.
- A promoção da acessibilidade linguística e cultural é uma parte essencial da valorização da arte indígena surda. Ao reconhecer a importância da expressão artística das mulheres indígenas surdas, a sociedade se torna mais sensível às suas necessidades e demandas.

Essas propostas incentivam a criação e a disseminação da arte indígena surda por meio de exposições, eventos culturais, publicações e plataformas digitais. Isso permite que a produção artística das mulheres indígenas surdas alcance um público mais amplo e contribua para o enriquecimento da cultura e da diversidade da sociedade brasileira. Destacar esses aspectos demonstra a importância da arte indígena surda como uma ferramenta essencial para o empoderamento individual e coletivo das mulheres indígenas surdas, contribuindo para a valorização da diversidade cultural.

Para concluir esse primeiro artigo propositivo, compartilhamos uma poesia criada durante o Encontro Latino-Americano de Surdos de 2004 em língua de sinais e depois em cartaz passado em grupos e que até hoje fazem parte de pesquisa e livros nos quais a autora participa como no livro eletrônico *Cartas femininas* publicado em 2023. Escrevivências compartilhadas pela autora desse artigo, Shirley Vilhalva (Poetisa Surda):

De menina sapeca
Que transborda beleza.
Transformando menina-moça-mulher.



Despertando em si a Mulher Surda, guerreira, acima de tudo Mulher.

Referências

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos A. (org.) Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, C. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R.; Escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

PERLIN, G.; STROBEL, K. Teorias da Educação e Estudos Surdos. UFSC, 2009.

REIS, R. C. dos. A Discriminação entre Surdes e formas de Apoio Social no contexto do Ensino Superior. UFPR, 2022. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/80553> . Acesso em: 8 de Setembro de 2023.

SOARES, L. V. ; MACHADO, P. S. “Escrivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. Psicologia Política. vol. 17, nº 39, pp. 203-219, maio. - ago. 2017.

VILHALVA, S. Mapeamento das línguas de sinais emergentes [dissertação]: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul / Shirley Vilhalva ; orientadora, Ronice Muller de Quadros; co-orientador, Gilvan Muller de Oliveira. - Florianópolis, SC, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92972> . Acesso em: 9 de Setembro de 2023.

VILHALVA, S. In: SIQUEIRA, L. de A. R; ANDRADE, M. A. C.; TAVARES, G. M. (org.) Cartas femininas [recurso eletrônico]: por uma escrita afetiva /Dados eletrônicos. 358 p. (Coleção Pesquisa Ufes; 63). Vitória, ES:EDUFES, 2023.

